

Denominar um livro *Ética e Técnica em Psicanálise*, subordinando, desde o início, a técnica à ética, não é uma escolha sem conseqüências. A técnica tem sido, por longa tradição, a pedra de toque capaz de distinguir todo psicanalista que faz questão de uma filiação discriminadora. Há alguns anos atrás, corria uma piada, no nosso meio, mais ou menos assim: "Você sabe qual é a diferença entre um analista kleiniano e um lacaniano?"... "É que, na análise kleiniana o analisando pode morrer e o analista continua interpretando e, na análise lacianiana, o analista pode morrer e o analisando continua associando." Evidentemente, a piada ridicularizava duas ferramentas fundamentais da psicanálise, a *associação livre* e a *interpretação*, só que levadas às últimas conseqüências, por questões técnicas. Parodiava, da mesma forma, a idéia lacianiana de que o analista deve exercer a *função do morto*.

Este livro caminha a quilômetros de distância dessa má tradição, inclusive porque seus autores já se declaram, de cara, *analistas marginais* (seguindo a denominação de Balint). E nos avisam, já na Apresentação do livro "...fomos percebendo que o que emergia como plano privilegiado no qual situar nossas idéi-

Reserva e corporeidade: sobre a ética e a técnica psicanalíticas

Resenha de Luís Cláudio Figueiredo e Nelson Coelho Júnior, *Ética e Técnica em Psicanálise*, São Paulo, Escuta, 2000, 102 p.

as sobre a técnica era justamente o da ética. Ética entendida como posição e como *lugar* (morada), como postura fundamental, como modo de escutar e falar ao e do outro na sua alteridade – a *alteridade* do inconsciente. Uma ética compreendida como abertura, respeito, resposta e propiciação ao outro. Algo que não se assemelha em nada a uma 'moral' e que, portanto, não poderá jamais ser convertido em um código de prescrições e proibições. Trata-se, de fato, muito mais de uma disposição ao convívio acolhedor, mas nem por isso tranquilo, com o inesperado e o irreduzível, que caracteriza a alteridade, do que da formulação de regras prescritivas que pudessem modelar o fazer analítico" (p. 7). É somente a partir dessas considerações que todo o restante do livro pode ser compreendido e apreciado.

Compõe-se de dois ensaios, diferentes enquanto estilo de escrita e forma de trabalhar com os temas fundamentais, mas que se cruzam nesse ponto básico: o *desconhecimento* necessário, reiterado a cada sessão, da posição do analista e que faz com que ela somente consiga se efetuar como *acolhimento*. Acolhimento *ético*, justamente, porque *supra-moral*. Essa postura será descrita, por Luís Cláudio, através da noção de reserva (retirada de textos freudianos e contex-

tualizada por psicanalistas contemporâneos) e, por Nelson, cruzando noções psicanalíticas e fenomenológicas (como as de "atenção igualmente flutuante" e de *epoché*). Os estilos de escrita (o de Luís Cláudio pendendo mais para o literário, o de Nelson mais para o acadêmico-didático, pelo menos no corpo principal do texto), possuem, em comum, o fato de se utilizarem de apêndices para desdobrar as ramificações temáticas que o corpo do texto não consegue desenvolver, realizando - no plano da escrita - algo que lembra o processo psicanalítico de associações livres. No caso de Nelson, o apêndice é usado, além disso, como *turning point*, tanto para mudanças no estilo (menos formal, mais atirado), quanto para uma radicalização teórica: a definição do *setting analítico* a partir do corpo, ousadia que jamais li em nenhum outro livro de psicanálise.

"Presença, implicação e reserva" é o título do ensaio de Luís Cláudio que abre o livro. Constitui um texto bastante rico, tanto pelas múltiplas trajetórias nas quais desenvolve e destila o seu tema de base (até chegar à noção de *reserva*), quanto pelas re-

ferências bibliográficas que utiliza (percorrendo textos freudianos, passando por Ferenczi, Melanie Klein, e chegando a psicanalistas contemporâneos implicados na temática, como Sharpe, Brierley, Payne, na década de 40 e Winnicott, Kahn, Searles, o casal Baranger, Fédida, Ferro, Bolas, Ogden, de lá para cá). Não pretendo, aqui, seguir esse intrincado labirinto, mas somente extrair dele as principais articulações do texto.

Dos textos freudianos sobre a técnica, o que se busca recuperar é a veia não dogmática de Freud, o que os torna mais um conjunto de "dicas" do que de "recomendações" (embora elas cheguem a *interditar* certas condutas). Explorando esse filão, chega-se a uma conclusão fundamental: "No conjunto, o que vemos é a interdição de todas as formas de *imposição*; a impaciência, o excesso de determinação terapêutica ou científica, a pressa na formulação e administração de interpretações e, muito particularmente, a extração a fórceps de lembranças, de his-

tórias etc., tudo isso está em franca oposição ao que seria desejável: uma capacidade de *insistir, suportar e sustentar um processo de cura* ao longo de seu percurso e das turbulências deste percurso” (pp. 18-9). Atento às possíveis utilizações perversas do contexto psicanalítico (abusos narcisistas genitais), Freud também condenou os “furores compreensivo, curativo ou pesquisante” (p. 19). Isso leva à possibilidade de definir a posição do analista como “...uma presença que comporta certa *ausência*, uma ausência convidativa, um convite, no caso, que se constitui como *disponibilidade e confiabilidade*. Trata-se de uma *presença reservada*...” (p. 20). O que define o processo analítico é, pois: “...um espaço e um tempo para a atenção/desatenção fluante, modo de escuta que comporta uma *presença intermitente do analista*, ou seja, uma dose mais ou menos grande de ausências, dado que se tenta escapar daquele modo de atenção que se fixa ao encadeamento dos eventos de forma a acompanhá-los e controlá-los exaustivamente. (...) O analista, *posto em reserva*, está ele mesmo confiado às suas *reservas anímicas e corporais* sem que se coloque para ele a tentação de dominá-las e explorá-las” (p. 22).

Essas colocações já antecipam, então, a perspectiva que alocará o discurso do au-

tor: entre o furor interpretativo kleiniano e a serenidade tricotante da escuta de Anna Freud, é o elogio do segundo estilo que se fará. Mais do que isso, far-se-á a crítica do furor interpretativo kleiniano, confrontando-o com a reserva interpretativa de Searles (que descobriu importantes aspectos da sua realidade psíquica, através das projeções delirantes de seus pacientes) e com as consequências trazidas pela noção de “campo” para a psicanálise, pelo casal Baranger e Antonino Ferro, entre outros. Falar-se-á, por exemplo, da noção barangeriana de “segundo olhar”, um *olhar de reserva* que cria um distanciamento maior, desmantelando o “excesso de implicação” do analista e abrindo o “aqui e agora” para a sua multiplicidade constitutiva, pondo em xeque, então, certos procedimentos intrusivos e autoritários por parte do analista.

Em Winnicott se buscarão as noções de “espaço potencial”, “objeto transicional” e de “uso de objetos” para se fundamentar a noção do “analista não

intrusivo”: “O espaço potencial é aquele em que se instaura um paradoxo de presença e ausência, de proximidade e de distância. Nesta ‘terceira área de experiência’, nem só subjetiva, nem só objetiva, sendo ao mesmo tempo ambas e nenhuma das duas, abre-se o campo do ‘entre’ presenças, o plano da presença reservada, da qual podem emergir os recursos do jogo e da simbolização, ou seja, as representações da ausência, o ‘faz de conta’ ” (p. 31-2).” Observe-se aqui – no nível do discurso – o uso proposital do paradoxo, deslocando o texto do interior de uma lógica identitária e usando de jogos de linguagem para aludir à multiplicidade de contornos do processo, como faziam os pré-socráticos (Heráclito, por exemplo).

O texto vai adiante, no delineamento teórico mais sutil da noção de “reserva”, seja analisando a sua presença necessária nos casos difíceis (segundo Pierre Fédida), seja discernindo-a nas noções de “*posição autista-contígua*” e de “*terceiro-analítico*” (de Thomas Ogden) e caminhando pela análise da atenção/desatenção fluante freudiana, tendo em vista a construção de uma *ética psicanalítica do acolhimento*. Em seguida, busca em Heidegger – embora não faça desse recurso à filosofia, uma passagem *necessária* – a elucidação desse elemento de *indiferença*, necessário à posição do analista e que eu ousaria chamar de “indiferença virtualmente diferenciável”, visto que ela descreve “...uma espécie de

hibernação, com a diferença de que neste caso a *primavera* pode chegar a qualquer momento” (p. 49).

Os apêndices exploram, por sua vez: a relação entre reserva e lei, em *Totem e Tabu*, sugerindo um elo direto entre Freud e Winnicott (relações entre lei, espaço reservado e estruturação do *self*); a relação entre reserva, energia quiescente e força de ligação, em *Além do Princípio do Prazer* (chegando à idéia do próprio-corporal como organismo-pele e à função deste na *retenção de reservas*, necessárias ao enfrentamento do meio externo e das situações traumáticas. Por fim, há ainda uma interessante análise da *temporalidade* múltipla, psicanalítica, expressa na noção de “aqui e agora”.

O ensaio de Nelson Coelho, conforme já disse, envereda por outras paragens. Primeiramente, pela fenomenologia, pois trata-se de “fazer com que o pensamento freudiano ‘trabalhe’ por meio de interpretações constituídas por concepções filosóficas de Merleau-Ponty, Husserl e Heidegger” (p. 65). Na tentativa de tirar o pensamento psicanalítico da tradição eminentemente cartesiana, onde se

alojou, trata-se, antes de tudo, de fazer trabalhar os seus conceitos, fazê-los passar por um processo de depuração, através de um cruzamento, uma espécie de confrontação crítica com noções da fenomenologia existencial. Entre elas, estão a de *situação* (que constrói as oposições clássicas de *sujeito-objeto*, *interior-externo*) e a de *campo comum* (depurada dos gestaltistas por Merleau-Ponty e necessária tanto à idéia freudiana de *comunicação entre inconscientes*, quanto aos seus corolários decorrentes, como a noção de “terceiro analítico”, de Ogden). Há ainda a noção de *percepção* (já examinada por Nelson em outros textos, necessária à noção de *campo* e que introduz o corpo no âmago da questão); a de *sentido* (nas suas três acepções: *de função sensorial*, *significação e orientação e direção de um movimento*) e, por fim, a de *intencionalidade operante*, que descreve o estado de atravessamento entre corpo e mundo, antes de eles chegarem a se pôr como entes distintos.

Desse trabalho de recuperação filosófica, surge já uma imbricação conceitual, pela qual Nelson procura fazer os conceitos analíticos trabalharem através das interpretações fenomenológicas: “A noção de uma intencionalidade operante nos recoloca nessa zona de indistinção pré-reflexiva, onde a compreensão dos sentidos se estabelece sempre a partir de uma presença entrelaçada de corpo e mundo e também da experiência humana da inter-

corporeidade. É com base no entrelaçamento das polaridades que sentidos (sensibilidade, significações, direções) emergem de um campo comum. Não emergem por decisão da vontade explícita de um ou de outro. Tampouco emergem por mero acaso ou por conjunções mágicas. Assim, em termos psicanalíticos, podemos pensar a situação analítica e a produção de sentidos nessa situação, tomando-se por base um campo de profunda imbricação de experiências transferenciais e contra-transferenciais, em meio aos encontros/desencontros transsubjetivos, em que o corpo, com sua porosidade, aparece como elemento fundamental” (p. 78).

A articulação entre o conceito freudiano de *atenção igualmente flutuante* e o husserliano de *epoché* constitui o passo seguinte, capaz de fundamentar o estado de *desconhecimento necessário*, com que o analista deve enfrentar o seu trabalho cotidiano, entrando na sessão “sem desejo e sem memória”, como dizia Bion. Diz Nelson: “Entendo que o que se evidencia, tanto na *epoché* como na técnica de *atenção igualmente flutuante*, é o retirar-se

de um plano de julgamentos e determinações pré-estabelecidos para poder deixar-se fluir pelos meandros próprios e presentes de uma dada situação. (...) Não é esta, portanto, uma escuta que se dá em um sujeito soberano em relação a um objeto distanciado e devidamente previsto, mas uma escuta que se faz na abertura para um campo, ou melhor, em um campo onde é o inusitado e o equívoco que se traduzem nos múltiplos sentidos que emergem a todo momento” (p. 84).

A relação entre fala e linguagem define a investigação que se segue. Diz Nelson: “A linguagem é paradoxal, ao mesmo tempo em que preexiste ao sujeito, é recriada a cada nova fala, e só continua a existir porque há a fala particular de um sujeito (...) Há, portanto, na intervenção do analista, a possibilidade dessa conjunção maravilhosa entre o que se diz através dele e que ele diz, entre uma linguagem preexistente à sua fala e essa fala como reinaugurante da linguagem. Há conjunção constante, também, entre o que se oculta e o que se mostra, permitindo assim a pluralidade de sentidos própria a uma experiência vivida” (p. 87). Esta parte conclui fazendo um elogio da linguagem *evocativa*, única capaz de instalar “a linguagem na ambigüidade própria da relação transferencial/contratransferencial, onde algo se mostra, ao mesmo tempo em que outra coisa se oculta, onde a fala amplia o horizonte de possibilidades de um movimento, ao invés de limitá-lo a uma só direção” (p. 88).

O apêndice, intitulado “Psicanálise, corpo e *setting*”, começa investigando o sentido da invariabilidade do *setting* analítico, para defender, justamente, a posição contrária: a de um *setting* variável, móvel, definido como “o corpo e sua capacidade de *intercorporeidade*”. Em seguida, o autor procura mos-

trar como a idéia de um sujeito *puramente* mental, em psicanálise é desproposital, como noções como as de *introjeção*, *projeção*, *identificação projetiva*, jamais poderiam ter sido formuladas sem um apoio nas funções corporais, o quanto, nesse sentido, o sujeito psicanalítico só pode ser definido, desde sempre, como uma constelação corporal-mental. “...entendo que somos de ponta a ponta corporais, pulsionais” (p. 98). Conclui, com uma colocação bastante instigante: a de que “...ser analista é oferecer o seu corpo em sacrifício para o outro” (p. 99). Lembrou-me de uma outra - tão instigante quanto - de Lídia Rosenberg Aratangy, que dizia que em nosso trabalho somos como putas, alugamos nosso corpo aos nossos clientes, vendendo justamente essa *caralidade sensível*, posta ali à disposição do outro. Res-salvada a questão da interdição da atuação sexual no contexto psicanalítico, ambas metáforas são bastante evocativas.

São livros dessa índole que mantém a psicanálise como um campo ainda digno de leitura, reflexão e debate, num universo empanturrado de autores que só sabem repetir - como papagaios - as lições dos mestres europeus e americanos. Bem-vindo seja, pois, mais esse belo trabalho entre nós.

Alfredo Naffah Neto é psicanalista, professor titular da PUC-SP, e autor, entre outros livros, de *Ouvir Wagner - Ecos Nietzscheanos*, São Paulo, Musa, no prelo (em colaboração com Y. Caznók).